

## QUE TESÃO! A MASCULINIDADE NA PORNOGRAFIA GAY

Rodrigo Cabrini Dall'Ago<sup>1</sup>

Tacia Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo discute a representação do masculino na pornografia gay, tendo como objeto de estudo o ator Rafael Alencar e sua performance em filmes pornô. Para tal, questiona como a heteronormatividade interfere na constituição de sujeitos masculinos, tidos como desviantes sexuais, representados na pornografia para homens gays. De forma que é possível constatar a falácia desta representação, a qual contribui para a perpetuação de processos excludentes. Os corpos, o desejo, a atração, são delineados por imagens que seduzem através da violência e da marginalização. Essa hipótese é defendida com base em autores e comentadores dos Estudos Queer, como: Miskolci (2007; 2017), Junqueira (2012; 2013), Takara e Teruya (2016). Além disso, como metodologia, opta-se por uma pesquisa qualitativa exploratória com base em fontes bibliográficas e documentais.

**Palavras-chave:** *Masculinidade; Heteronormatividade; Pedagogia; Estudos Queer.*

### INTRODUÇÃO

Compreende-se sexualidade e gênero como dispositivos de poder empregados no controle e normalização dos sujeitos (FOUCAULT, 1995). A partir disso, é possível compreender as constantes batalhas entre diferentes correntes de pensamento acerca dessas questões e seus respectivos papéis político-sociais. Sem grandes aprofundamentos, é

deturpada Escola sem Partido e o famoso “kit gay”. Esses eventos mostram que, na

<sup>1</sup> Graduando do 7º semestre em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Metropolitano de Maringá – UNIFAMMA. E-mail: rcdallago@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Doutoranda e Mestra em Letras – Linguística/ Análise de Discurso pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Professora nos cursos de comunicação Social do Centro Metropolitano de Maringá - UNIFAMMA. E-mail: tacia.rocha@unifamma.edu.br.

tentativa de estabelecer uma discussão sobre gênero e sexualidade, há grande resistência de certos setores sociais e instituições. É importante notar que essa resistência se dá por parte daqueles que compactuam com as leis normalizadoras dos indivíduos, impedindo que haja uma desconstrução de valores excludentes e segmentares.

Dessa maneira, são diversas as formas como sexualidade e gênero que são normalizadas. Cito, por exemplo, histórias passadas entre gerações, nas quais meninas e meninos são orientados sobre comportamento e relacionamento, como modo de vestir-se e falar. A linguagem, nesse sentido, assume papel importante para a manutenção de poder e controle. Dessa forma, são criadas representações (visuais, sonoras, olfativas etc.) que configuram os sujeitos, propondo modelos de conduta. Entre as diversas ferramentas de representação, esta pesquisa se delimita à pornografia cinematográfica voltada a homens gays ou que fazem sexo com outros homens.

Nesse sentido, esta pornografia representa um ideal de masculino que busca enquadrar a homossexualidade dentro daquilo que se tem como sexualidade modelo, a heterossexualidade. Além disso, é importante ressaltar o caráter binário em que opera as normas sociais, como masculino versus feminino, hétero versus homo, normal versus anormal. Por isso, foi definido como objeto deste estudo o ator pornô gay Rafael Alencar, que se encaixa no modelo heteronormativo de representação da masculinidade.

Rafael Alencar é um ator com 40 anos de idade e 15 anos de carreira na indústria pornográfica. Brasileiro, nascido em João Pessoa, já fez trabalhos nacionais e internacionais, recebendo destaque em grandes produtoras do segmento, como a *Falcon* e *Raging Stallion Studios*. Antes de ser ator, se formou em odontologia e trabalhou como modelo para grifes, como *Calvin Klein*. Foi com trabalhos no exterior que Alencar se tornou famoso, desempenhando papel de ativo<sup>3</sup> na maioria das produções às quais protagonizou. Já no Brasil, o reconhecimento veio por meio de um ensaio nu para a revista *G Magazine*. O que mais chama a atenção sobre o brasileiro é o dote de 23 centímetros, o corpo musculoso e o tipo latino. Recentemente anunciou sua aposentadoria do *show business* pornô e revelou já ter praticado sexo com o pai. Atualmente, Alencar vive em Manhattan, na cidade de Nova York.

Isto posto, alguns questionamentos que organizam a linha de raciocínio da pesquisa proposta são: a) se a homossexualidade é considerada o oposto da heterossexualidade e,

---

<sup>3</sup> O termo “ativo” diz respeito a um papel performado durante o ato sexual. Nesses casos, ativo é aquele que penetra, e passivo é aquele que é penetrado.

logo, desviante e marginalizada, por que deveríamos acatar a representação heteronormativa tão comum na pornografia do que é ser e como ser homem gay?; b) essa representação, ao delimitar o masculino sob a ótica heteronormativa, não eliminaria um vasto espectro de possíveis masculinidades? Desse modo, essas perguntas que pairam no ar são aglutinadas e resumidas no objetivo geral deste trabalho: investigar a representação heteronormativa do masculino na pornografia *gay*, tomando como objeto de estudo a performance do ator pornô Rafael Alencar.

Quanto à metodologia, recorreremos ao método qualitativo e exploratório com pesquisas bibliográfica e documental. Para tanto, este trabalho está dividido em três seções, a saber: a) “Sexualidade e sujeito”, na qual se propõe entender como as normas sociais moldam os sujeitos em sua sexualidade e como a masculinidade hegemônica contribui para a normalização dos sujeitos tidos como desviantes; e b) “Rafael Alencar: que machão!”, em que se faz a análise da regularidade da performance do ator Rafael Alencar em filmes pornográficos; c) Por último, em “Considerações finais”, são tecidas considerações específicas ao trato dado ao objeto de estudo proposto, bem como se apontam perspectivas para pesquisas futuras.

## SEXUALIDADE E SUJEITO

É possível observar que o conceito de sexualidade abrange, não somente o ato sexual, mas também os desejos, o afeto, a autocompreensão e a imagem perante os outros (MISKOLCI, 2017). A partir disso, há o entendimento de que a sexualidade faz parte de um conjunto de relações de poder que constituem, marcam e categorizam os indivíduos, tornando-os sujeitos. Desse modo, sujeito é aquele que é controlado por algo ou alguém, e preso a sua própria identidade – estática (FOUCAULT, 1995). Logo, sujeitos de sua própria sexualidade, os indivíduos devem recusar aquilo que se é, elaborar o que poderiam ser, promovendo novas formas de subjetividade e, neste caso, novas maneiras de sexualidade frente às diferentes possibilidades de ser.

Diante disso, a sexualidade é vista como algo íntimo ao indivíduo e envolve aquilo que é tido como o mais reservado “eu”. Portanto, por se tratar da intimidade individual, fica evidente que a sexualidade cumpre papel de instrumento de regulação nas relações de poder, de forma que pode atuar para normalizar os sujeitos quando confrontados com as leis de convívio social (MISKOLCI, 2017). Por relações de poder, deve-se compreender o funcionamento do exercício do poder, o modo de ação de uns sobre outros.

Sendo assim, o poder existe enquanto ação sobre uma ação, mesmo que apoiado em estruturas permanentes (FOUCAULT, 1995). As ações de indivíduos hegemônicos sobre indivíduos considerados desviantes constituem as relações de poder dos primeiros sobre os segundos (que também implicam em resistência por parte dos indivíduos desviantes) que buscam controlar e manter os sujeitos dentro de espaços que os moldam e reprimem. Mais do que isso, é por meio dessas relações que, no campo da sexualidade, os sujeitos são caracterizados como abjetos ao ultrapassarem os quadrados sociais.

Por abjetos, compreendem-se aquelas e aqueles que são considerados anormais, deficientes às normas sociais e que devem ser excluídos e marginalizados do convívio público e social. Nesse sentido, a sexualidade, por meio da abjeção, se torna um campo de confronto entre a individualidade e as normas sociais (MISKOLCI, 2017). Portanto, é possível dizer que por meio da abjeção os indivíduos são condicionados a ocuparem lugares pré-determinados dentro da teia social. Ao se depararem com as imposições sociais, os sujeitos se veem em situação conflituosa com relação à própria existência.

Nesse sentido, o conceito de abjeção é essencial e faz parte de um processo que legitima sujeitos hegemônicos por meio do reconhecimento de sujeitos anormais, alocados nas margens. Desse modo, a existência do abjeto é essencial para a validação daquele que é normal. Sobre isso, Foucault (1995) afirma que, para que haja uma relação de poder é necessário o reconhecimento do “outro” bem como o reconhecimento de suas liberdades e possibilidades de respostas, reações e efeitos. Além disso, para compreender o papel abjeto, Miskolci (2007) propõe pensar no conceito de suplementariedade como método de funcionamento da linguagem (e das relações de poder), no qual operam-se binarismos de modo que o hegemônico se construa em cima do marginalizado e inferiorizado. Em outras palavras, a homossexualidade é necessária como oposição negativa que confere legitimidade à heterossexualidade.

Dentro dessa perspectiva, e ao contrário do senso comum, é possível dizer que os sistemas de normalização não querem exterminar os sujeitos marginalizados, mas evidenciar a fronteira que os separam daqueles que são normais e anormais. Daí o conceito de abjeção ser essencial para o funcionamento das leis heteronormativas (JUNQUEIRA, 2013).

Além disso, e também contrariando o pensamento popular, sujeitos considerados desviantes jamais serão reconhecidos como sujeitos *normais* dentro de um sistema excludente como o que está em voga na sociedade (MISKOLCI, 2017). Por isso, é

importante que estes indivíduos compreendam que a constante tentativa de encaixe nos quadros da hegemonia não os permite serem vistos como iguais aos sujeitos heterossexuais, de modo que apenas se reforça sobre eles um discurso heteronormalizador.

Diante disso, é muito comum observar um comportamento heteronormativo presente aqueles que se reconhecem como homens. Falar sobre comportamento implica em falar sobre conduta ou, mais especificamente, em conduzir o comportamento do outro dentro de um campo restrito de possibilidades (FOUCAULT, 1995). Nesse sentido, a heteronormatividade, enquanto ordem sexual do presente, constitui-se por meio de condutas que visam gerar modos de ação premeditados sobre os sujeitos. Conforme explica Junqueira (2013), esses modos de ação são comumente associados à pequenas violências simbólicas como brincadeiras heterossexistas e homofóbicas que se constituem como mecanismos disciplinadores de silenciamento, dominação, marginalização e exclusão. Assim, esses modos de agir formam sujeitos que reprimem a própria sexualidade ao ponto de cometerem violências não somente simbólicas, mas também físicas e psicológicas contra aqueles que divergem das normas heterossexuais.

Além disso, outros modos de agir também contribuem para normalização dos sujeitos, mesmo aqueles tidos como desviantes. É possível observar que há, dentro de espaços gays ou em ambientes de socialização entre Homens que fazem sexo com Homens (HsH<sup>4</sup>), a busca por outros homens que se encaixam dentro da representação de uma masculinidade fundamentada no machismo e no patriarcado, exigindo determinadas medidas de pênis ou forma corporal (TAKARA; TERUYA, 2016). Desse modo, a constante busca pelo pertencimento à hegemonia e o distanciamento da cultura gay faz com que esses sujeitos passem a agir conforme os modelos da heterossexualidade, abandonando outras possibilidades de comportamento e identidade.

Miskolci (2007) afirma que a heterossexualidade é posta como natural e, a partir disso, a heteronormatividade exprime as expectativas, demandas e obrigações que devem fundamentar o comportamento individual ou, até mesmo, a sociedade. Em outro texto, Miskolci (2017) recorre ao conceito do heterossexismo para explicar essa ideia, no qual pressupõe que todos são, ou deveriam, ser heterossexuais. Nesse sentido, a

---

<sup>4</sup> Abreviação de “homens que fazem sexo com homens”. Essa definição está presente em diversos espaços e trata da diferença entre a homossexualidade ou, de modo mais específico, a compreensão do gay como sujeito que faz parte da cultura LGBT, diferenciando desses sujeitos os homens que, por questões afetivas, sociais ou culturais, não se identificam como homossexuais, mas praticam sexo, em suas mais variadas formas de atuar, com outros homens (TAKARA; TERUYA, 2016, p.134).



heterossexualidade é vista não somente como natural, mas também como privilegiada e o projeto ideal de vida. Além disso, a heterossexualidade é tida como referência para os sujeitos não hegemônicos, conforme acontece dicotomicamente nas relações homossexuais “ativo versus passivo”, que são baseadas na visão do sexo como função reprodutiva, além da determinação de papéis sexuais.

A partir disso, para ser considerado homem é necessário cumprir uma série de requisitos e exercer um *poder de macho* sobre o outro, mediante o exorcismo da própria afetividade. Conforme expõe Takara e Teruya (2016), essa (re)ação em não demonstrar afetividade está inscrita dentro dos espaços gays e HsH como uma questão de gosto, de modo que não “curtir” gays afeminados, delicados ou qualquer outra forma que não seja o estereótipo de masculinidade, é justificado pela falta de atração por esses sujeitos, quando, na verdade, é a reprodução de valores hegemônicos.

Essa estimulação por um modo de comportar-se, de aparentar-se fisicamente, de atuar no mundo constituindo determinadas perspectivas de masculinidade está alinhavada às representações de masculinidade que estipulam uma visibilidade em detrimento de outras formas de ser homem (TAKARA; TERUYA, 2016, p. 135).

Sendo assim, por meio de instrumentos disciplinadores, surge a pedagogia do armário (JUNQUEIRA, 2013) que não apenas sugere, mas ensina modos de comportamento e atuação fundamentadas em uma representação estática do que é ser homem, como também uma forma de manutenção do machismo e da misoginia, reforçando parâmetros normalizadores. Além disso, como não poderia deixar de ser, essa representação também se caracteriza como excludente, pois “elimina uma gama variada de possibilidades de masculinidades, que representam distintas posições de poder nas relações quer entre homens e mulheres, quer entre os próprios homens” (JUNQUEIRA, 2013, p. 487).

Esse sistema de regulação e de repressão compõe um cenário marcado por agressões e violência, desqualificação e assédio contra aqueles que não seguem o modelo heteronormativo de homem macho viril. Perante isso, a pedagogia do armário conduz esses sujeitos desviantes a incorporar atitudes e condutas atribuídas à heterossexuais, como forma de minimizar a “marca da abjeção” e de permitir que sejam tratados como “iguais”. Como consequência, internalizam a necessidade de apresentarem um diferencial e se esforçam para se destacarem em atividades pessoais e profissionais como um último

recurso para dizer “eu sou tão bom quanto você, heterossexual”. A pedagogia do armário, então, atua em sua manifestação mais drástica e triste: uma busca dolorosa para ser aceito em um ambiente hostil com frágil acolhida (JUNQUEIRA, 2013).

### RAFAEL ALENCAR: QUE MACHÃO!

Nessa última parte da pesquisa, nos detemos em analisar a performance do ator Rafael Alencar em filmes pornô gay. Dessa forma, não se optou pela escolha de um filme em específico, mas por verificar a regularidade de sua atuação em diferentes trechos de filmes. Assim, para situar o leitor, é possível pensar na representação do homem heteronormativo discutida anteriormente, o qual se pressupõe uma série de requisitos para ser considerado macho de verdade. Entretanto, é importante lembrar que, como também já visto, sujeitos desviantes podem até se aproximar da representação hegemônica da masculinidade, mas jamais serão reconhecidos como iguais. Diante disso, Alencar, um sujeito marginalizado, apresenta em sua imagem parte das expectativas da heterossexualidade, como o tamanho do pênis, o corpo musculoso e uma atuação marcada por agressões e assédios de personagens supostamente hegemônicos contra personagens que não cumprem “as regras” sociais.

É claro que a representação de Alencar envolve uma gama de interesses e situações, e parte da responsabilidade sobre a imagem de seus personagens é da indústria pornô que banca a performance do macho viril, cumprindo com um papel essencial dentro da cultura heteronormativa. Contudo, reiterando o nosso recorte, a discussão dessa pesquisa se volta apenas a imagem e a performance do ator em seus filmes.

Isto posto, é importante identificar que, dentro da performance de Alencar, a heteronormatividade implica na forma em que são constituídas as relações sexuais, a afetividade e a própria masculinidade. Em um filme<sup>5</sup> (Figura 1) produzido pela *Men.com*, famosa produtora pornô, o personagem de Alencar é um presidiário e contracena com Johnny Rapid<sup>6</sup> que interpreta outro presidiário. A história acontece dentro de um banheiro coletivo quando os dois personagens estão tomando banho. Ao personagem de Alencar é dado o destaque pela câmera, com plano close em seu pênis e corpo, de modo a evidenciar

---

<sup>5</sup> A cópia em questão foi retirada do site *xvideos.com*, que não é o site oficial da produtora. Dessa maneira, não é possível dizer com exatidão o título do filme, visto que seu *upload* foi feito por um usuário anônimo. Nesse site, o nome do vídeo é *O chuveiro da prisão*.

<sup>6</sup> Johnny Rapid é um ator pornô gay americano muito conhecido por interpretar personagens passivos.

os atributos físicos do macho viril. Nesse sentido, a cultura do falo surge para anunciar que esse é o dominador da “relação” e responsável pela tomada de atitude na situação, frequentemente designado ao ativo dentro da cultura gay e HsH.

Figura 1. Personagem de Alencar (à direita) assedia o personagem de Rapid.



Fonte: XVideos (2016). Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video23088317/o\\_chuveiro\\_da\\_prisao\\_-\\_johnny\\_rapid\\_and\\_rafael\\_alencar](https://www.xvideos.com/video23088317/o_chuveiro_da_prisao_-_johnny_rapid_and_rafael_alencar)>. Acesso em: 24 nov. 2018.

No trecho acima, Alencar espera até o momento em que um personagem policial – interpretado por um terceiro ator gay – sai de cena e fica fora do campo de ação da história. Quando isso acontece, o personagem “ataca” Rapid dentro de sua *box*, forçando o rapaz a fazer sexo. É nítido o desconforto do personagem que, sem consentimento, é posto de bruços e submetido à dominação pelo outro.

Diante disso, é importante destacar que o tipo físico de Rapid, apesar de próximo ao ideal, é considerado frágil e delicado, beirando o feminino. Nesse sentido, conforme explica Junqueira (2013), faz parte do processo heteronormalizador a rejeição do feminino, de modo que seja submetido e relegado ao espaço do “outro” inferior e, portanto, dentro do domínio do macho dominador.

Assim, entende-se que, por o personagem de Rapid ser um sujeito marginalizado e “menos legitimado”, o personagem de Alencar se vê no direito e controle não somente da situação, mas do corpo do outro ao ponto de usá-lo como objeto de satisfação sexual. Dessa forma, é importante notar o surgimento uma hierarquia entre os sujeitos desviantes, a qual define graus de legitimação da margem, de modo que gays afeminados devem se submeter a gays conformados à ordem heteronormativa e heterossexista.

Ainda no mesmo filme, cabe destacar outro trecho. No recorte analisado (Figura 2), surge novamente o terceiro personagem da história, um policial responsável pelos



presidiários. O curioso a notar é que, ao contrário do que o termo responsável sugere, o policial não só é condizente com o assédio, mas também contribui com a violência ao entregar um cassetete para ser usado como “brinquedo” sexual. Aqui, sem entrar na questão da fetichização, o terceiro personagem contribui para aquilo que é tido como a manutenção da pedagogia do armário. Sendo assim, ao ser confrontado com um segredo que coloca em prova a masculinidade hegemônica e todo um sistema heterorregulador, esse personagem vê a oportunidade de manter a violência por “baixo dos panos” ou dentro do armário.

Figura 2. Surge o personagem policial.



Fonte: XVideos (2016). Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video23088317/o\\_chuveiro\\_da\\_prisao\\_-\\_johnny\\_rapid\\_and\\_rafael\\_alencar](https://www.xvideos.com/video23088317/o_chuveiro_da_prisao_-_johnny_rapid_and_rafael_alencar)>. Acesso em: 24 nov. 2018.

O armário está estritamente ligado ao bom funcionamento da heteronormatividade, sendo parte do processo de marginalização que acomete não somente os sujeitos desviantes. Nesse sentido, o armário remete aquilo que está em segredo e não deve chegar ao conhecimento público, devendo ser silenciado, porém não exterminado. Portanto, a lógica do armário é regular as sexualidades que fogem à hegemonia, de modo que reforce “as instituições e os valores heteronormativos e privilegia-se quem se mostra devidamente conformado à ordem heterossexista” (JUNQUEIRA, 2013, 486).

Diante disso, é possível entender o armário como dispositivo disciplinador que faz parte das relações de abjeção. Conforme aponta Miskolci (2017), a abjeção atua sobre o julgamento do desejo homoerótico como negativo e imoral, de modo a demandar que gays e lésbicas sejam discretos para serem reconhecidos, ainda que de forma não igual aos sujeitos heterossexuais. Portanto, nota-se que a abjeção tem papel fundamental na manutenção das normas de gênero, impondo expectativas muito maiores do que em relação

à sexualidade. Nesse sentido, o personagem de Alencar, mesmo fugindo das normas de sexualidade, não rompe com as normas de gênero ao apresentar uma estética masculina hegemônica. Com isso, não somente o é “permitido” controlar e dominar o outro, como também induz que o personagem policial seja condescendente com a situação de abuso contra aquele que é afeminado e desviante das normas de gênero.

O uso da violência é recorrente como técnica de conflito nos roteiros de filmes pornô gay. Em outro filme<sup>7</sup>, também da produtora *Men.com*, Alencar atua como um personagem agressivo que domina um outro através da violência. O ambiente do filme é um bairro de classe média americano, e o personagem de Alencar vai até a casa de um amigo para cobrar uma suposta dívida. O outro personagem, Paulo<sup>8</sup>, se esconde dentro de casa, esperando Alencar ir embora para não pagar a dívida. Entretanto, há uma reviravolta na trama e o personagem de Alencar entra na casa do amigo. A partir daí, de modo violento, o personagem agride o outro, submetendo-o a uma situação de abuso, de homofobia (Figura 3).

Por homofobia, entende-se uma violência simbólica e física contra aqueles que desviam da heteronormatividade (JUNQUEIRA, 2013), e tem sido usada com frequência na pornografia como representação das relações gays e HsH. No filme em questão, fica explícito o uso da violência como repressão não somente pelo mau comportamento (de não pagar a dívida), mas também contra a sexualidade do sujeito. Em outras palavras, o personagem de Alencar faz uso da homofobia como forma de punição pela falha de caráter do outro.

Miskolci (2017) destaca que é simplista a definição de homofobia como violência somente contra aquele que é homossexual, sem considerar que essa violência se dirige a todos, mas em graus diferentes. Desse modo, a violência da homofobia visa atingir a quem quer que seja, alertando sobre as normas sociais e morais que devem ser seguidas e que, ao menor deslize, o sujeito deve ser punido. Portanto, a homofobia é representada, nesse filme, como uma punição por um desvio moral que parece ser justificado pela sexualidade

---

<sup>7</sup> A cópia em questão também foi retirada do site *xvideos.com*, que não é o site oficial da produtora. Desse modo, não é possível dizer com exatidão o título do filme, visto que seu upload foi feito por um usuário anônimo. Nesse site, o nome do vídeo é *Cobrandome con el culo*, em tradução livre significa algo como “Me cobrando com o cu”.

<sup>8</sup> Paulo é um nome fictício dado para o segundo personagem do filme. Não foi possível identificar quem é o ator.

da vítima. Além disso, a homofobia é usada como artifício de fetichização da violência, a qual sugere que o sexo entre homens deve ser baseado na agressividade do macho viril.

Figura 3. O personagem de Alencar abusa do outro



Fonte: Xvideos (2018). Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video36747267/cobrandome\\_con\\_el\\_culo](https://www.xvideos.com/video36747267/cobrandome_con_el_culo)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

Em outro filme, também não identificado oficialmente, mas que consta no site xvideos.com com o título *Ripped muscle studs in hot flip fuck*<sup>9</sup>, Alencar interpreta um jardineiro homossexual que, ao ser demitido, reage de forma violenta contra o patrão, que faz parte do grupo HsH e ocupa o espaço do armário (Figura 4). Como resposta à demissão, o jardineiro faz ameaças, como “eu sei o que você faz todas as noites”, “a sua família já sabe sobre você?”, “se você me demitir, eu conto para o seu pai”. Diante desses insultos, o patrão é vítima do que se tem denominado como experiência da injúria. Ao ser classificado como marica, baitola, bicha, é posto como subalterno e anormal, de modo que sua existência perde o direito à dignidade e ao respeito, comprovando o quão falacioso é a sensação de segurança e igualdade que se tem ao ocupar o espaço do armário (MISKOLCI, 2017). A partir disso, o personagem de Alencar se vê no direito de cometer qualquer ato de violência contra o outro inferior e subordinado.

Aqui é possível constatar a ação conjunta do armário e da homofobia. O armário, enquanto espaço de ocupação que pressupõe uma proximidade com a normalização, cai diante da homofobia. A homofobia surge como repressão pela sexualidade da vítima, de forma a reforçar as fronteiras que separam os sujeitos normais e anormais (JUNQUEIRA, 2013). No caso em questão, a homofobia aparece como instrumento disciplinador para

<sup>9</sup> Em tradução livre, “Musculoso estuprado em sexo quente”.

colocar o outro em seu devido lugar – na margem. Desse modo, o personagem de Alencar não aceita que um sujeito bicha (portanto, inferior) possa demiti-lo e utiliza do armário, o espaço de ocupação do patrão, como justificativa para proferir ameaças e o violentar. Mais do que isso, enquanto agride, o personagem de Alencar reforça um conjunto de relações de poder que perpetuam os processos de exclusão e preconceito não somente por meio da violência, mas também através de frases como “é disso que você gosta, então toma”.

Figura 4. O personagem de Alencar violenta o outro



Fonte: XVideos (2018). Disponível em:

<[https://www.xvideos.com/video3716727/ripped\\_muscle\\_studs\\_in\\_hot\\_flip\\_fuck\\_31](https://www.xvideos.com/video3716727/ripped_muscle_studs_in_hot_flip_fuck_31)>. Acesso em: 24 nov. 2018.

Ainda sobre a experiência do armário, é interessante recorrer a análise proposta por Takara e Teruya (2016). Segundo os autores, o armário faz parte de uma lógica que promove visibilidade a masculinidade viril e hegemônica. Nesse sentido, o armário é sinônimo de diferentes formas de masculinidades e, mesmo que em alguns casos o objetivo seja se aproximar da normalidade, exige que os sistemas de poder instiguem ações para promover a masculinidade padrão. Daí a relação do armário com a homofobia ser imprescindível como instrumento disciplinador para alarmar aqueles que indicam feminilidade ou masculinidade não hegemônica.

A masculinidade viril é erigida por processos de adestramento e docilização do corpo do macho que incitam uma prática de rigidez de movimentos, silenciamento das práticas afetivas, toque, cuidado e afeto, que podem ser disparados por qualquer homem em qualquer homem. O medo de não corresponder às exigências do machismo produz a bicha. O limite dessa representação é, a todo momento, oferecido. O corpo não deve se expressar, a voz não pode titubear, os olhos não devem comunicar de outros modos. As caras, as bocas, as pernas cruzadas, a delicadeza de gestos, a prática de afeto e o carinho estão próximos da bicha. O desejo por ser macho não permite qualquer sensibilidade ou cuidado delicado (TAKARA; TERUYA, 2016, p. 144).



Nesse sentido, também é importante entender que a homofobia transcende os aspectos de violência contra os sujeitos marginalizados, de modo que diz respeito principalmente a “valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crença e representação” (JUNQUEIRA, 2012, p. 9) que naturalizam e impõem a heterossexualidade e as normas de gênero. Portanto, a homofobia faz parte de um conjunto de relações de poder e processos reprodutores de diferenças, preconceitos, mecanismos discriminatórios e dominação masculina (JUNQUEIRA, 2012).

Dito isso, por meio dos filmes analisados, é possível confirmar que há uma regularidade na pornografia gay, em específico na atuação do ator Rafael Alencar, que vai além do ritual sexual (sexo oral, sexo anal, ejaculação), mas que compreende a presença de dispositivos disciplinadores dos sujeitos como formas de representação da masculinidade. Além disso, a violência é usada como técnica de roteiro no que diz respeito aos conflitos das histórias, de modo que fetichiza a agressão contra os sujeitos tidos como desviantes, contribuindo para a perpetuação de um quadro de exclusão e marginalização.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pornografia gay faz parte de um arsenal de dispositivos de representação da masculinidade hegemônica. Os corpos, o desejo, a atração, são delineados por imagens que seduzem através da violência e da exclusão. A masculinidade é construída, assim, sobre uma base rígida que impõe modos de comportamento e de ação perante o outro e a si mesmo. As masculinidades buscam, por meio da representação de uma masculinidade estática, encontrar e fundamentar suas identidades.

A pornografia delimita o afeto, estimula a repressão, induz ao assédio, silencia as masculinidades não hegemônicas e evidencia o macho viril, comprovando o caráter heteronormativo que nos propomos a investigar na atuação de Rafael Alencar em três filmes pornô. Em contrapartida, a feminilidade, a bicha, a subalterna, a baitola, são vítimas de uma masculinidade armada pela heteronormatividade, homofobia e heterossexismo. Até mesmo aqueles que ocupam o espaço da hegemonia e que apresentam algum grau de abjeção são vítimas da violência, como acontece com os personagens que contracenam com Alencar.



Mais do que desviar da norma, as bichas são ofendidas, insultadas e violentadas porque expõem a fragilidade do macho que impõe pela força do corpo uma ideologia debilitada e enfraquecida. As diferentes masculinidades que são evidenciadas pelas esquisitas, estranhas e anormais, colocam à prova a pedagogia do armário e as limitações dos sistemas reguladores, excludentes e opressores. Esses que devem ser desmistificados, desconstruídos e desnaturalizados através dos estudos acadêmicos que foram e têm sido feitos. Além disso, consideramos a importância de pesquisas que contribuam para o entendimento das masculinidades e suas potencialidades, assim como seus discursos na mídia. Por fim, exclamamos: Há de ser diferente, há de ser bicha, há de extrapolar os quadrados da hegemonia!

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIA GAY SÃO PAULO. “ATOR Rafael Alencar: transou com o pai e anuncia aposentadoria”. **Guia Gay São Paulo**, São Paulo, 16 Mai. 2018. Disponível em: <<https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/hot/ator-rafael-alencar-transou-com-o-pai-e-anuncia-aposentadoria>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

“COBRANDOME con el culo”. **Men.com**, Los Angeles, 2018. Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video36747267/cobrandome\\_con\\_el\\_culo](https://www.xvideos.com/video36747267/cobrandome_con_el_culo)>. Acesso em: 24 Nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. “O Sujeito e o Poder”. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Orgs.). **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, Natal, v. 1, n. 1, 27 nov. 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. **Congresso de Leitura do Brasil. Anais...** Campinas: Unicamp, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORAES, Eduardo. Entrevista bombástica com o ator pornô Rafael Alencar. **Portal Mídia**, Guarabira, 16 jan. 2011. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20111127173149/http://www.portalmidia.net/2011/01/entrevista-bombastica-com-o-ator-porno-rafael-alencar>>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

“O CHUVEIRO da prisão”. **Men.com**, Los Angeles, 2016. Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video23088317/o\\_chuveiro\\_da\\_prisao\\_-\\_johnny\\_rapid\\_and\\_rafael\\_alencar](https://www.xvideos.com/video23088317/o_chuveiro_da_prisao_-_johnny_rapid_and_rafael_alencar)>. Acesso em: 24 Nov. 2018.

“RIPPED muscle studs in hot flip fuck”. **Men.com**, Los Angeles, 2018. Disponível em: <[https://www.xvideos.com/video3716727/ripped\\_muscle\\_studs\\_in\\_hot\\_flip\\_fuck\\_31](https://www.xvideos.com/video3716727/ripped_muscle_studs_in_hot_flip_fuck_31)>. Acesso em: 24 Nov. 2018.

TAKARA, Samilo; TERUYA, Teresa Kazuko. Dando pinta na prática educacional: a bicha como limite. **Bagoas**, Natal, n. 14, p. 125-145, 2016.